

ANALYSE ET COMMENTAIRE DE TEXTES OU DOCUMENTS EN PORTUGAIS

Durée : 6 heures

Analysez et commentez, **en portugais**, les cinq documents suivants:

Texto n°1

A Nau de Ícaro ou o fim da emigração

As nações emigrantes não podem assumir positivamente — salvo através de dispositivos complexos de ocultação — o fenómeno da emigração. Todos sabem bem que se trata de uma perda de substância do seu ser, uma hemorragia, a meio caminho entre a sangria salvadora e a sangria mortal. Todos sabem melhor ainda que a emigração é, simultaneamente, o sintoma e a sanção de um estado de subdesenvolvimento — absoluto ou relativo — ou de uma dissemetria grave no interior de um contexto económico constrangedor como o destino. Reconhecer o carácter, ao mesmo tempo, estrutural e histórico do drama da emigração, dissociá-lo da ideia de fatalidade natural, equivaleria, no mínimo, a pôr em causa a ordem do mundo em que ele toma este aspecto. Perspectiva rara, mesmo na época da crítica radical do sistema económico moderno, e impensável no quadro cultural de um país onde a emigração parece evidente desde há séculos. Aliás, esse fenómeno não era percebido no discurso da Europa, *avant garde* do progresso e promotora da revolução industrial, como preço a pagar para esse progresso e, simultaneamente, como expressão da “plenitude de energia” de um continente fustigado por esta mesma revolução?

Progresso e emigração caminhavam a par. Aquilo de que a máquina europeia não tinha necessidade (ou que não conseguia integrar) podia dispersar-se sobre esses espaços-continentes que, ou pertenciam (por assim dizer) à Europa, ou estavam inseridos havia muito tempo no sistema da economia europeia: o Brasil, o México, a Argentina e, naturalmente, os Estados Unidos. A infelicidade de uns fazia a felicidade dos outros e, por fim, a felicidade de todos. A segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX são a idade de ouro — se assim pode dizer-se — da emigração, aquela sobre a qual se constroem as grandes nações do futuro, sobretudo a América. É então que, no seu conjunto, a Europa se torna um continente de emigrantes. Ela livra-se dos seus pobres para que se tornem ricos (ou menos pobres) algures. Desta epopeia dolorosa e exaltante, Charlot permanecerá para sempre o símbolo ambíguo. A sua silhueta e o seu saco inscreverão o emigrante e todas as suas quimeras no imaginário do século XX. As “luzes da ribalta” tinham gerado o herói por excelência de nenhuma parte e de todos os lugares, tentando apagar, pela sua atitude bamboleante, a fronteira que separa aqueles que têm uma pátria bem sua daqueles que foram obrigados a abandoná-la. [...]

Há cinco séculos, pois, que a Europa se exporta através do seu comércio, do seu *savoir faire*, das suas ideias, das suas modas, da sua religião. Ela coloniza e emigra para consolidar a sua presença ou para se livrar dos seus pesadelos. Vinte anos após a segunda guerra mundial, começo do seu fim como continente imperialista, a Europa recicla, melhor ou pior, as suas armas, as suas máquinas, os seus bancos, as suas escolas, ou deixa-os em herança a povos que despertam. Vira-se, enfim, como antes do século XV, para si própria. Não tem necessidade de emigrar para voltar a refazer o seu tecido económico graças à ajuda dos Estados Unidos que se instalam, por direito de vitória, no seu coração. Toda a mão-de-obra europeia disponível

consegue empregar-se no que vai tornar-se a reconstrução europeia, essencialmente a da França, a da Alemanha, a da Inglaterra. Nasce então uma imigração volante, intra-europeia, que está terminando sob os nossos olhos. Italianos, jugoslavos, turcos, emigram, se é que ainda podemos empregar esta palavra. Trata-se de uma nova emigração, ou melhor, de uma migração complexa que, pouco a pouco, muda uma Europa, outrora emigrante, em continente de imigração. Sem alarde, em algumas dezenas de anos, a Europa tornou-se para si própria e sobretudo para os outros, candidatos à emigração, uma insólita América. A nossa vez chegou nos anos 60. Paradoxo supremo, os Portugueses sentem então na carne que Portugal é um país de emigrantes. E mesmo um pouco mais: um país que, por assim dizer, emigra.

Em alguns anos, mais de um milhão — 10% da população — passa a fronteira e instala-se no coração da Europa. Esse êxodo espectacular cessou há já alguns anos, mas só agora começamos a medir as suas verdadeiras consequências. Pela primeira vez na nossa história tornámo-nos emigrantes aos olhos dos outros europeus. Nunca tínhamos sido confrontados com um desafio desta ordem. Mesmo actualmente, os portugueses de Portugal avaliam mal o tipo de perturbação cultural que esta nova imagem de si próprios ocasionou. Preferem não se dar conta disso, imaginando, por exemplo, que a entrada oficial de Portugal na CEE é um acontecimento mais importante. Agora, que o traumatismo foi ultrapassado e a experiência mostra que sob esta nova imagem os Portugueses, com o seu capital e a sua herança históricos, se revelaram capazes de sobreviver e de se impor num espaço económico e cultural mais exigente do que aquele a que o seu passado colonizador os tinha habituado, podemos falar do assunto. Nada foi premeditado. Todavia, durante uma trintena de anos, milhares de homens e de mulheres, em geral sem grande qualificação no domínio do trabalho ou das técnicas modernas, transformaram, à sua maneira — como se de tal não se apercebessem —, a imagem inicial do emigrante. [...]

Na Idade Média, precisamente no país de Breughel, existia o costume de amontoar os excluídos numa nave que deixavam ir, sem guia, ao sabor da corrente. Chamavam-lhe a «nave dos loucos». Nós não éramos nem excluídos nem malditos, mas apenas um povo, outrora mediador entre o Ocidente e o Oriente, um pouco entorpecido e quase contente de estar ao largo da Europa. Talvez porque já não disponha de barcos majestosos como os que Breughel pintou, ancorados no coração da Europa, apetece imaginar que a «nave Portugal», a das gentes que emigraram ou das que ficaram no lar, se encontra de novo em casa neste porto de sonho do pintor da Flandres, onde a Europa tem dificuldade em vencer os seus demónios. E sobretudo que o nosso velho navio ressuscitado voltou ao porto sem sossobrar como Ícaro, que já Camões evocara como símbolo dos que sonham aventuras maiores do que eles.

Vence, 18 de Fevereiro de 1993.

Eduardo Lourenço, *A Nau de Ícaro, seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, ed. Gradiva, 1999, p.48-53

Texto n°2

E assim, tudo na nossa vida, a casa, as mobílias, as recordações, os nossos interesses, fazia uma reportagem sentimental que dava a Papai uma presença quase física no meio de nós. Anos depois voltou com licença de seis meses. Quando já Papai estava outra vez na América foi que Mamãe teve Nanduca.

Chegavam cartas e retratos. Nhô Roberto Tomásia ia sempre receber as suas mantenhas. Ficava admirando os retratos do Papai, vestido de casimira e com uma grande corrente de relógio atravessando o colete:

- António Manuel está um americano perfeito...

Quando Tuta de Melo esteve na ilha, Mamãe foi tirar retrato a Nanduca para Papai conhecer o seu codê.

Só nos faltava Titio Joca, desterrado na Praia-Branca, para toda a família estar reunida. Apesar de morado em 102 South Second Street, Papai estava constantemente connosco. No quarto em que, à hora da deita, diante do oratório, Mamãe e Mamãe-Velha pediam a Deus por ele; na salinha, em que os móveis e os retratos falavam dele, principalmente depois da ceia, quando a conversa caía comovidamente em Papai, a trabalhar lá para essas terras que ficam tão longe, debaixo da linha do mar; na hortinha, em frente da casa, onde Papai fazia a sementeira para as assadas dos meninos; na barraca onde, boquinha da noite, se recolhiam os burros de jornada que ele levava quando saía para as hortas; ele estava nas cartas que nós os meninos recebíamos da América, com muitas mantenhas do “Papai sempre amigo”. Eu é que lia as cartas da casa.

- Chiquinho, lê tu que tens a vista mais clara.

O mundo trepidante que corria à sua volta não engolia as vozes pequenas que chamavam Papai para a sua casinha do Caleijão. A fábrica não matou a voz do pilão e do moedor rolando. E a dos amigos também. As preocupações de sempre não faltavam. “Maria, você diga Pitra para ter cuidado com as cabras para não estragar planta no Trás-do-Pico. No ‘Daisy’ mando vocês umas pranchas para o portal novo”. Consignava tantos dólares para brocas e assento de covas. Mamãe visse bem a questão da água da rega da Ribeira de João. Se fosse preciso demanda, consultássemos para S. Vicente um *lawyer* bom, que ele mandava dinheiro para as despesas.

A América bem perto de mim. Meu coração de menino não a colocava mais longe do meu círculo de afeição do que a Água-do-Canal ou o António Gegê, onde eu ia brincar com a meninência a correr navios de purgueira e de cana de milho.

Quando era mais tamaninho, figurava a América uma ribeira muito bonita, cheia de hortas muito verdes. Na ribeira Papai trabalhava de agricultura. Lá tinha suas hortas. Hortas de cana e bananeira. Hortas de sequeiro, com milho e feijão. Os trabalhos eram os mesmos que na Fajã e nas baixadas. Só lhe faltava Pitra Marguida para o ajudar. Papai tinha as suas horas de ração de rega. Lá a água seria mais abundante, porque chovia mais e caíam trovoadas mais fortes, que rebentavam as nascentes. Papai fazia farinha. Com duas as-águas a mandioca estava pronta para a farinhaagem. Eu imaginava os trabalhos da rala, os tachos sobre o lume, e as mulheres mexendo o rodo para evitar que a farinha se empedrasse. O trapiche na lavra. Os bois giravam, pachorrentamente, na roda da almanjarra, no terreiro-de-trapiche. Os rapazinhos tangedores cantando atrás dos bois.

- Vira, Pintor, dá-me milho, eu dou-te farelo...

Eu vivia longos momentos a nostalgia do aboio.

Baltasar Lopes, *Chiquinho*, Lisboa,
ALAC, 1993, p. 18-21

Texto nº3

no dia em que chegou a portugal, o andriy procurou o apartamento do mikhalkov por indicação de um amigo russo que ficara em korosten. depois de esperar umas horas por que mikhalkov voltasse das obras e o recebesse, saiu pelos cafés à procura de emprego. levava um papel com a palavra trabalho escrita em português e o seu nome. ninguém em bragança lhe parecia dar ouvidos, mais do que apreciar o ar perdido com que olhava para as coisas. à

primeira, parecia até cego, como se o que visse não lhe devolvesse um qualquer sentido ao cérebro. estaria tão descasado das suas pessoas, do seu espaço, que cada lugar onde entrava lhe parecia parecer lógico a partir apenas do avesso. e, quando seguia alguém para lhe mostrar o papel, podia fazê-lo entrando na casa de banho ou balcão adentro, sem perceber exactamente onde ficar. o que as pessoas lhe diziam, e diziam umas às outras sobre si, não lhe era minimamente inteligível, pelo que se bastava a reconhecer o não que alguém acabava de lhe mostrar abanando a cabeça. saía, procurava luzes acesas, algum movimento pouco naquele início de noite da cidade, e persistia. sem se explicar, o que esperava encontrar era um qualquer modo de ganhar dinheiro, convicto de que acabaria nas obras, como todos os outros, a cansar-se e a apressar-se consoante a impiedosa direcção de um português maldispósito. mas, de café em café, a primeira oportunidade apareceu-lhe logo ali, naquela noite, como o sonho de vir para Portugal lhe teria dito, que em tal país haveria muito emprego, coisas de braços, porque os portugueses já não se queriam matar a fazer nada. mostrou o papel, o sujeito gordo sorriu e disse algo para trás das costas, chamava alguém, seria a sua mulher que abria a porta da cozinha e limpava as mãos no avental. sorriu. o andriy percebeu que não o dispensavam. insistiu apontando para o papel e lendo como podia a palavra trabalho, e o gordo respondeu, sabes fazer pizzas. e o andriy respondeu, trabalho. pizzas, rapaz, para comer. cala-te lá júlio, o moço não te entende e pizzas toda a gente sabe fazer. ajuda o rapaz. o júlio sorriu, pegou no papel do andriy, aproximando-lhe uma caneta e escreveu, trezentos euros. o andriy levantou os olhos. pareceu-lhe dinheiro suficiente. o júlio apontou para a ementa, via-se uma grande pizza na sua capa, o queijo derretendo por sobre a massa muito fina e as azeitonas pontuando o bacon. o andriy acreditou que nunca mais passaria fome.

valter hugo mãe, *o apocalipse dos trabalhadores*, Lisboa, Quidnovi, 2008

valter hugo mãe nasceu em Angola em 1971. Passou a infância em Portugal onde vive. Ele não usa maiúscula. Nenhuma. Nunca.

Texto nº4

Nas políticas de imigração, Portugal faz a diferença **O preconceito contra os imigrantes ainda é lei entre os portugueses**

Os portugueses continuam de pé atrás, apesar de já admitirem que os imigrantes são fundamentais

A primeira vez que aconteceu foi na escola. "Preta!" Houve outras vezes, mas para Nádia, de 18 anos, filha de pais cabo-verdianos, nascida no concelho de Cascais, aquela foi a que mais se assemelhou a uma bofetada - catapultou-a para o mundo dos "diferentes". Ela não esqueceu, embora admita que as coisas entretanto melhoraram.

Desde a altura em que os pais de Nádia chegaram a Portugal, o número de imigrantes passou de menos de 50 mil para 420 mil. Eles passaram de, certo modo, a fazer parte da "normalidade". Mas Nádia desconfia que ainda não seja bem assim: "Quando temos amigos brancos, há pais que dizem logo que somos uma má influência. Como se fôssemos um vírus".

As atitudes prevaletentes entre os portugueses não reflectem o investimento institucional que tem sido feito no acolhimento de imigrantes, admite ao PÚBLICO a investigadora Verónica Policarpo, uma das autoras de um estudo da Universidade Católica sobre as representações que a população nacional tem dos estrangeiros que residem por cá. Esta dissonância ajudará a explicar o fosso que parece existir entre a experiência de Nádia e a

distinção feita a Portugal no mês passado. Seja no que respeita às possibilidades de regularização dos imigrantes, como às condições de acesso destes aos cuidados de saúde e à assistência social, que é garantido também aos que se encontram em situação ilegal, foi considerado pelas Nações Unidas como o "mais generoso" em matéria de políticas de integração de imigrantes entre 42 países.

Falta agora avaliar a sua implementação, e esta, sim, poderá depender, em parte, do que vai na cabeça de muitos portugueses. O preconceito, sobretudo contra os africanos e os ilegais, figura entre os obstáculos já identificados ao cumprimento da lei no que respeita, por exemplo, ao acesso dos imigrantes aos cuidados de saúde [...].

"Atitudes contraditórias"

Verónica Policarpo fala de "atitudes contraditórias". A percentagem de portugueses que considera os imigrantes "fundamentais para a vida económica do país" ultrapassou a daqueles que consideram o contrário; o mesmo se passou no que respeita aos que reconhecem que os imigrantes não recebem mais do Estado do que aquilo que dão.

Mas, em simultâneo, mais de metade dos portugueses mostrou-se seguro de que o número de imigrantes deve diminuir. Só seis por cento defendeu o contrário. Estes valores mostram que existe, de facto, uma "resistência à imigração", frisa.

"Há uma norma social que é cada vez mais forte e entra em cada vez mais contextos sociais que diz que é errado discriminar em função da cor da pele ou da origem das pessoas. Esta norma leva à inibição da manifestação aberta do preconceito, através de actos racistas, violência xenófoba, etc., mas não impede o seu desenvolvimento e manutenção", alerta o psicólogo social João António.

O que também se comprova nesta característica nacional evidenciada no estudo da UC. "Mais racistas" e "menos racistas" aproximam-se nas suas posições quando é dada a estes últimos "uma desculpa "politicamente correcta" para justificar a resistência aos imigrantes", revela Verónica Policarpo: "Aceita-se a presença de imigrantes mas só em determinadas condições, se tiverem trabalho, se não tiverem cometido nenhum tipo de crime, o que revela uma diferenciação em relação à posição assumida face aos nacionais".

Africanos mais prejudicados

Entre os que partem e os que entram - somos ainda mais um país de emigrantes (mais de um milhão) do que de imigrantes -, Portugal continua de certo modo refém do país fechado que foi. "Quando conhecemos, somos acolhedores. Antes é que há um problema. Somos um povo tímido, desconfiado, que reage de forma fechada ao que não conhece", descreve a alta comissária para a Imigração, que defende por isso a disseminação da mediação intercultural, a ser desenvolvida sobretudo por imigrantes ou seus descendentes, formados para o efeito: "É um método muito eficaz para a construção de pontes entre várias comunidades e culturas".

Jornal *Público*, 08.11.2009 - Por Clara Viana

Texto nº5

A avalanche dos novos portugueses no Brasil

Enquanto a crise em Portugal estiver feia, a pressão dos ilegais tenderá a crescer. Só na primeira metade deste ano, mais de 50 mil portugueses pediram residência no Brasil. E multiplicam-se os trabalhadores ilegais. Vistos e burocracia têm sido o grande travão. Arquitectos, engenheiros, gestores parecem dominar. Mas há quem chegue com o 12º ano.

Em Agosto de 2010, Cátia Almeida aterrou no Rio de Janeiro para participar no Campeonato Mundial de Capoeira. Foi campeã e não apanhou o voo de volta a Portugal. Uma filha já estava com ela. A outra veio depois com o pai. Estão todos a morar no Rio.

Algarvia de Albufeira, 30 anos, Cátia faz parte da avalanche de novos portugueses no Brasil, difícil de medir em números. Só entre Dezembro de 2010 e Junho de 2011, os pedidos de residência permanente aumentaram de 276.703 para 328.856 (dados do ministério brasileiro da Justiça).

Isto significa mais 52 mil portugueses em apenas meio ano, fora os vistos para trabalho temporário, estudantes e investigadores. Mas para ter uma dimensão justa da realidade, seria preciso somar ainda todos os ilegais. Os vistos são o grande entrave da nova corrida ao Brasil. Muitos dos portugueses em situação legal conhecem vários ilegais. Mesmo Cátia não esperava que a burocracia fosse tão difícil. E as suas filhas são luso-brasileiras.

A história desta família, na verdade, conta as duas corridas que aconteceram entre Portugal e Brasil nos últimos 20 anos. Primeiro, a corrida de brasileiros para Portugal, quando o Brasil estava mal. Depois o contrário. “Conheci o meu marido em Albufeira em 1998”, conta ao PÚBLICO. “Ele emigrara do Brasil para vir dar aulas de capoeira, tentar uma nova vida.” Rapaz de Niterói, 25 anos. Cátia tinha 17. Foi “mais ou menos amor à primeira vista”. Um ano depois já tinham uma filha, depois veio outra, depois Cátia investiu na capoeira. Em 2010 foi campeã nacional e campeã europeia. “E em Agosto a Câmara de Albufeira pagou-me a passagem para eu vir ao Mundial no Rio.” Era a oportunidade que a família precisava para inverter a emigração. As coisas em Portugal não estavam boas. “Eu trabalhava como recepcionista num hotel em Albufeira, o meu marido era bombeiro profissional. Estávamos a viver para pagar as contas e já não dava, com duas filhas, a casa, água, luz, telefone. Numa dessas noites de insónia a gente resolveu: vamos embora.”

Cátia veio com a filha de 12 anos, que também é campeã de capoeira e teve direito a passagem. Mãe e filha esperaram pai e filha e foram morar para uma casa que a família dele tinha em Abolição, um subúrbio da Zona Norte. Não é o cartão-postal carioca, e Cátia arranjou um emprego de recepcionista num hotel da Barra da Tijuca, outro extremo da cidade. Longas viagens de autocarro todos os dias. Mas ela está satisfeita. “O hotel paga-me vale de transporte e alimentação, dá-me seguro de saúde e seguro odontológico para mim e para os meus dependentes, uma cesta básica de 60 reais, estou a sentir-me super bem tratada.” Para a loucura de preços que tomou o Rio, o salário não é alto, 2000 reais (820 euros), com uma folga semanal apenas, mas o marido também já está contratado por uma ONG como professor de capoeira numa zona pobre.

“O custo de vida é alto em relação ao que ganhamos, telefone, luz, alimentação”, reconhece Cátia. “Mas lá metade do salário era para pagar a casa. Aqui o estilo de vida é bem melhor. Todo o fim-de-semana vamos a um cinema, a um teatro. Em Portugal só assisti a teatro na escola. E gosto do trabalho, estou a conseguir destacar-me. Em Portugal nunca tinha feito uma faculdade, fui mãe muito cedo. E aqui já completei o primeiro semestre de Educação Física.”

29.12.2011 – Jornal *Público*, por Alexandra Lucas Coelho, no Rio de Janeiro